

GERAL

SAÚDE

Brasil tem mais farmácias do que padarias

Fotos Sebastião Moreira/AE

E há quem já pense em controlar a abertura de novos estabelecimentos

LUCIANA MIRANDA

Uma em cada esquina, mas não se trata de padaria. Muitas vezes, são duas no mesmo quarteirão e até uma do lado da outra. As farmácias proliferam nas grandes cidades. Em todo o Brasil, há 54.879, segundo o Conselho Federal de Farmácia. É pouco mais do que as 52 mil padarias do País. Será que os brasileiros precisam de tantas farmácias?

Os farmacêuticos são enfáticos: é hora de controlar a abertura de novas farmácias. No Brasil, o negócio é livre. "A lógica é comércio, não prestação de um serviço de saúde", denuncia Alvaro Fávoro Júnior, da diretoria do Conselho Regional de Farmácia de São Paulo (CRF-SP).

Além de numerosas, as farmácias estão mal distribuídas. "Elas se concentram nas grandes e médias cidades das Regiões Sul e Sudeste", diz a farmacêutica Clair Castilhos Coelho, especialista em saúde pública e professora da Universidade Federal de Santa Catarina. "A distribuição é precária no Norte e no interior dos Estados", completa Clair. Sul e Sudeste acumulam 36.719 farmácias e drogarias, mais da metade do total do País. No Norte, são 2.554.

Na capital paulista, a concentração de farmácias chega ao extremo de duas lojas de grandes redes disputarem o cliente uma do lado da outra. A Drogaria São Paulo e a Droga Raia são vizinhas na Avenida Heitor Penteado, zona oeste. Nenhuma das duas redes quis comentar a localização tão próxima das lojas.

"Há muitas farmácias na cidade", diz a dona de casa Amélia Kayo, de 54 anos. "Não sei se o consumidor ganha com a concorrência." Só no bairro onde ela mora, a Vila Mariana, uma rede detém quatro lojas. "Fora as de outras redes e os pequenos estabelecimentos."

Zoneamento - Em 1992, quando Luiza Erundina era prefeita, foi criada uma lei de zoneamento para as farmácias na cidade. Segundo o decreto que regulamentou a lei, a licença para uma nova loja seria dada só se ela estivesse fora de um raio de 200 metros de outra já existente.

As grandes redes não gostaram da medida. Cinco anos depois conseguiram que o prefeito Celso Pitta revogasse a lei de Erundina. "Era inconstitucional", afirma Sérgio Mena Barreto, presidente da Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma). "Defendemos o livre comércio."

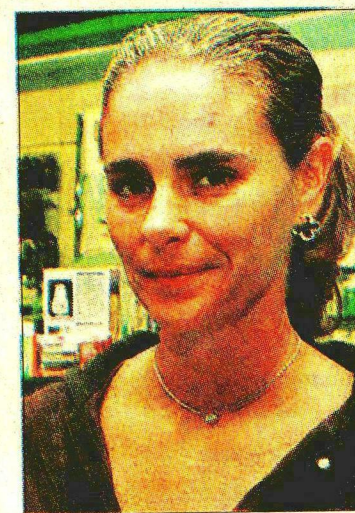
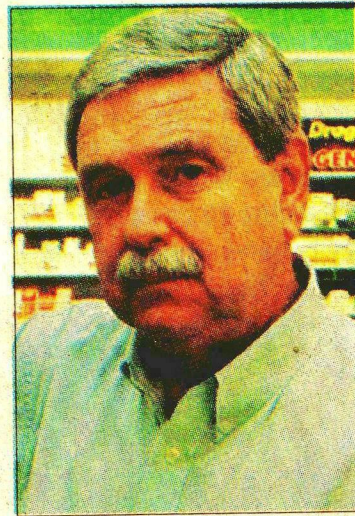
Ao contrário do que defende a Abrafarma, a Associação do Comércio Farmacêutico (ABCFarma), que representa todo o setor, reconhece a necessidade de corrigir o viés comercial do negócio. "É preciso regular a abertura de novas farmácias com base no tamanho da população do bairro", sugere Pedro Zidoi, presidente da ABCFarma.

É assim na Europa e no Canadá, onde novos estabelecimentos são abertos apenas se houver necessidade de atender determinada população. "Na Europa, farmácia é uma concessão pública do Estado", ressalta Fávoro Júnior. Nos Estados Unidos, onde a medicina não é socializada, há grandes redes, mas as lojas são bem distribuídas.

O governo reconhece a necessidade de mudanças. "É preciso redefinir o papel das farmácias", diz Norberto Rech, diretor do departamento de assistência farmacêutica do Ministério da Saúde.



Duas grandes redes disputam o cliente lado a lado: na Avenida Heitor Penteado, a Drogaria São Paulo é vizinha da Droga Raia



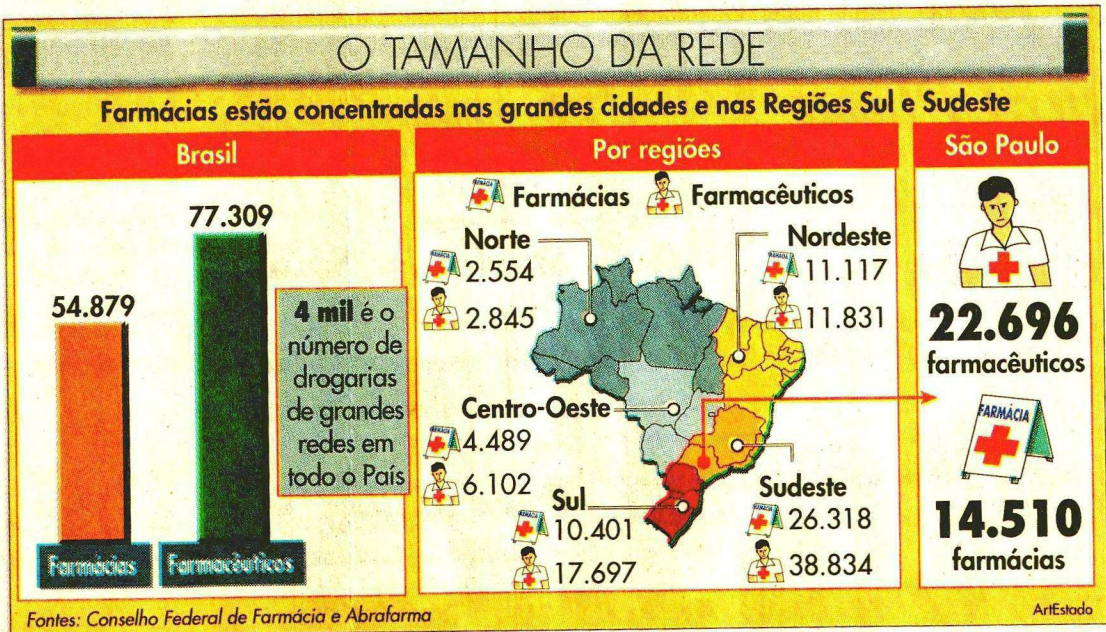
Lourenço e Renata buscam serviço em prol da saúde

"Elas não funcionam como prestadores de serviço de saúde."

Sem serviço - Consumidores mais atentos já perceberam a falha. "Não basta oferecer preço, tem de prestar serviço de saúde", diz o engenheiro Lourenço Ribeiro de Almeida, de 57 anos. Há seis meses, a mulher de Lourenço caiu, machucou a boca e foi atendida por um cirurgião dentista que prescreveu uma injeção para controlar a dor.

"Na farmácia, se recusaram a aplicar o medicamento porque a dose prescrita não batia com a do remédio. Sugeri a eles que ligassem para o dentista e tirassem a dúvida", conta Lourenço. Não adiantou. "Saímos sem a injeção e nunca mais voltei, troquei de farmácia."

O exemplo é típico da caracterização da farmácia enquanto estabelecimento de saúde. Por trás disso, existe outro problema: a ausência



do farmacêutico no estabelecimento. Alguns argumentam que não há profissionais em número suficiente para isso. Outros dizem que o problema não é pouco farmacêutico, mas muita farmácia.

O farmacêutico conhece os medicamentos, efeitos desejados e indesejados e interações com outras drogas. Essas informações deveriam acompanhar a venda dos remédios. Mãe de dois filhos, a dona de

casa Renata Farina, de 38 anos, se preocupa com reações adversas de medicamentos. "É o tipo de informação que deveria ser reforçada na hora da compra."

A farmácia ideal conhece seus clientes, sabe quem sofre do coração, tem diabetes ou pressão alta. Esses grupos são monitorados de perto pelo farmacêutico. Na farmácia ideal, a saúde do cliente está sempre em primeiro lugar.